

REFLEXÕES ACERCA DA RECEPÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA DA LETRA DA CANÇÃO “INCLASSIFICÁVEIS” NO LIVRO DIDÁTICO

REFLECTIONS ABOUT RECEIVING LITERARY READING OF THE LYRICS “INCLASSIFICÁVEIS” IN THE TEXTBOOK

Jessiana de Oliveira Barros 1

Vanessa Maciel Silva 2

Mara Pereira da Silva 3

Resumo: O trabalho apresenta uma reflexão acerca da recepção da leitura literária, tendo como objeto de estudo, a letra da canção “Inclassificáveis” do compositor e intérprete Arnaldo Antunes. A letra está disposta no livro didático de língua portuguesa do 9º ano, “Singular & plural – leitura, produção e estudos de linguagem”. O trabalho contempla além das considerações iniciais e finais, concepções acerca da leitura do gênero textual (letra de canção) no livro didático; leitura literária da letra da canção “Inclassificáveis”; e reflexões acerca do processo de recepção da leitura literária. Como subsídio teórico, utilizou-se as autoras Andruetto (2012), Castrillón (2011), Pondé (2000), Rouxel (2012) e Zilberman (2008, 2016), considerando que todas compreendem a leitura como um processo de formação do sujeito; os documentos didáticos utilizados contribuíram para a compreensão da leitura na educação básica. Neste sentido, foi possível aprofundar a reflexão quanto ao processo de recepção desta leitura literária.

Palavras-chave: Leitura literária. Recepção. Livro didático. Letra da canção.

Abstract: The work presents a reflection about the reception of literary reading, having as object of study, the lyrics “Inclassificáveis” by the composer and performer Arnaldo Antunes. The lyrics is present in the the year Portuguese language textbook “Singular & plural - reading, production and language studies”. The work contemplates beyond of the initial and final considerations; Conceptions about reading the textual genre (lyrics) in the textbook; Literary reading of the lyrics “Inclassificáveis”; and Reflections on the process of receiving literary reading. Use as theoretical support, the authors Andruetto (2012), Castrillón (2011), Pondé (2000), Rouxel (2012) e Zilberman (2008, 2016), all understand reading a process of person education; the didactic documents used contributed to the understand of the reading in basic education. Thus, it was possible to go deeper into the reflection on the process of reception of this literary reading.

Keywords: Literary reading. Receiving. Textbook. Lyrics.

Mestranda em Ensino de Língua e Literatura no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFT, servidora do IFMA, Licenciada em Letras.
E-mail: jessianabarro@gmail.com

Mestranda em Ensino de Língua e Literatura no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFT, Professora da Secretaria de Ensino no Pará (SEDUC), Graduada em Letras/Português-Literatura.
E-mail: trabalhoedocumentos2018@gmail.com

Doutoranda em Ensino de Língua e Literatura no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFT, Professora no Curso de Educação do Campo na UFT, Graduada em Música. E-mail: pereiracantora1@hotmail.com

Considerações iniciais

“[...] ler e escrever é um direito dos cidadãos, direito que devemos fazer cumprir e que, por sua vez, implica um dever e um compromisso de muitos.” (CASTRILLÓN, 2011, p. 15)

O presente estudo busca realizar uma reflexão sobre o processo de recepção de leitura, tendo como objeto a letra da canção “Inclassificáveis”, do compositor e intérprete Arnaldo Antunes. A referida letra está contemplada no livro didático de língua portuguesa do 9º ano, da editora Moderna, “Singular & Plural – leitura, produção e estudos de linguagem”, o Programa Nacional do Livro Didático - PNLD 2017, páginas 61 e 62.

A letra da canção está disposta na seção “leitura” no livro didático, como gênero textual, em que o livro propõe ao aluno um processo de debate individual com o texto, podendo ser compartilhado com os demais alunos para absorção das impressões coletivas desta recepção, sendo o professor o responsável por mediar esse diálogo em sala.

A leitura individual cumpre um papel importante no processo de recepção, quando o leitor conversa de forma íntima com o texto, com suas particularidades, impressões, emoções e vivências, em um processo contínuo. Por outro lado, a leitura socializada compartilha todas as particularidades, ampliando-a numa perspectiva social e de formação do sujeito consciente.

A socialização da leitura compreende a prática em construir uma comunidade de leitores em sala de aula, que poderá estender-se para outros espaços, com outros integrantes e envolvendo outros textos, levando essa prática para fora dos muros da escola, com o compromisso de experimentar caminhos que só a leitura permite desvendar. E quando essa prática se torna coletiva, promove o debate saudável de compreensão do outro.

Cabe ressaltar, que o livro didático é o lugar de fala da letra da canção, um espaço que possibilita uma prática social caracterizada pela formação do ser, em que o leitor é o sujeito que abstrai e apropria-se do poder proporcionado pela leitura. O presente trabalho preza uma leitura numa perspectiva literária, recepcionada com um olhar estético e subjetivo, possibilitada na construção poética abordada na letra.

É importante frisar que a proposta do livro didático na abordagem da letra da canção visa uma leitura para a prática em exercitar a produção textual do conteúdo sugerido e não se observa uma exploração mais aprofundada do texto, o que não impede o professor de oferecer esse acesso e o aluno de ampliar para uma leitura com sua identidade, envolvimento e apropriação; portanto, é necessária a concessão dessa liberdade ao aluno, uma vez que a seção justifica-se como “leitura”.

Concepções acerca da leitura do gênero textual (letra de canção) no livro didático

O livro didático “Singular & plural – leitura, produção e estudos de linguagem”, do 9º ano do ensino fundamental, PNLD 2017, está estruturado em três cadernos: “Leitura e produção”, “Práticas de literatura” e “Estudos de língua e linguagem”. A letra da canção apresenta-se no Caderno “leitura e produção”, na Unidade 2 intitulada “Diversidade cultural” e capítulo 1 que recebe o título “Um mundo de credos, valores e costumes...”.

A unidade 2 “Diversidade cultural” trata da pluralidade cultural que há na sociedade, as diferenças que estão presentes em cada ser e em cada localidade, uma questão que vem sendo debatida atualmente e esta veiculação em um instrumento educacional permite discussões em sala de aula de caráter cultural, social e político, sobre o tema apontado. Neste sentido, o capítulo 1 “Um mundo de credos, valores e costumes...”, reproduz em seu título a diversidade de conceitos em que cada sujeito constrói sua personalidade. Apresentar esse debate ao aluno, alimenta o respeito às individualidades para convivência harmoniosa em sociedade.

O Caderno “leitura e produção” contempla diversos gêneros de textos para leitura com o propósito de exercitar a escrita em produções textuais. Desse modo, entende-se que é uma forma do aluno apropriar-se do texto, construindo, por meio da escrita, o seu olhar com sentidos apreendidos sobre a temática proposta pelo livro didático. Neste sentido, o PNLD 2017 (BRASIL, 2016, p. 19) menciona como critério de leitura: “desenvolverem estratégias e capacidades de

leitura, tanto as relacionadas aos gêneros propostos quanto as inerentes ao nível de proficiência que se pretende levar o estudante a atingir.”

Pelo exposto, o PNLD 2017 reitera sobre a atribuição do ensino fundamental:

O Ensino Fundamental deve garantir a seus egressos um domínio da escrita, da leitura e da oralidade suficiente para as demandas básicas do mundo do trabalho e do pleno exercício da cidadania, inclusive no que diz respeito à fruição da literatura em língua portuguesa. (BRASIL, 2016, p. 17)

No que tange à prática de linguagem e leitura no Campo artístico e literário, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC, apresenta como uma das habilidades:

Analisar os efeitos de sentido decorrente do uso de mecanismo de intertextualidade (referências, alusões, retomadas) entre outros textos literários, entre esses textos literários e outras manifestações artísticas (cinema, teatro, artes visuais e midiáticas, música), [...] (BRASIL, 2018, p. 187)

Desse modo, o PNLD 2017 (BRASIL, 2016, p. 49) preza a formação do leitor e enfatiza: “A coletânea é diversificada e representativa do que a cultura escrita tem a oferecer aos estudantes; constitui-se de textos literários diversificados de autores predominantemente brasileiros consagrados e pertencentes a épocas diferentes.”

Já as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica – DCN’S, sustentam a leitura como um processo de compreensão de pluralidade e de expressões para o autoconhecimento que o ensino promove. Portanto, nota-se:

A leitura e a escrita, a História, as Ciências, a Arte, propiciam aos alunos o encontro com um mundo que é diferente, mais amplo e diverso que o seu. Ao não se restringir à transmissão de conhecimentos apresentados como verdades acabadas e levar os alunos a perceberem que essas formas de entender e de expressar a realidade possibilitam outras interpretações, a escola também oferece lugar para que os próprios educandos reinventem o conhecimento e criem e recriem cultura. (BRASIL, 2013, p. 116)

Há tempos, ouve-se que a leitura é um hábito de poucos brasileiros, que está sendo substituída por outras práticas como o uso dos aparelhos eletrônicos. O avanço da tecnologia e a dinâmica de vida das pessoas apontam para esse discurso, mas cabe à escola, o esforço de levar ao seu público, o aluno, uma forma de deixar com que o ato de ler sobreviva aos bombardeamentos de outros meios em circulação atualmente. Diante disso, o livro didático contribui para essa construção, por ser um instrumento acessível e que insere textos dos mais variados gêneros para a formação do leitor.

Cabe ressaltar que o livro didático não é um livro de literatura específico para leitura, mas contempla e dialoga com ela, um processo pelo qual a leitura é trabalhada de modo pragmático para a produção textual. O ato de ler exercita o protagonismo do aluno por meio da escrita, é o fazer literário no processo de criação, assim, a BNCC aponta:

No âmbito do Campo artístico-literário, trata-se de possibilitar o contato com as manifestações artísticas em geral, e, de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e escrita. (BRASIL, 2018, p. 138)

Aproximar-se do texto revela o modo de lidar sempre com novas experiências, um

amadurecimento que não ocorre da mesma forma para todos, uma vez que há uma construção de identidade com o texto. É um caminho apoiado para além do livro didático, sendo este um instrumento que também assegura o direito de leitura, pois para muitos o livro didático é um meio de acesso à poesia, aos contos, às narrativas, às crônicas, entre outros gêneros, em virtude de diversas dificuldades de acessibilidade aos livros literários.

Percebe-se a ausência de representatividades no livro didático, como o negro, a mulher, o africano, o indígena, entre outros. Essa situação tem contribuído para o não pertencimento desses povos na sociedade, e quando surgem nos livros muitas vezes são apresentados de forma distorcidas de suas verdadeiras realidades, esse não reconhecimento impossibilita a construção de uma identidade, principalmente em um espaço social pelo qual o livro circula, prejudicando na formação do estudante. Por outro lado, a letra da canção em destaque permite uma aproximação e uma identificação, o que já é um avanço, no que tange ao processo de participação social das diferenças e diversidades étnicas.

É pensando no sujeito que Castrillón (2011, p. 61) afirma: “Uma educação que retome seus princípios humanísticos, que coloque o ser humano no centro das preocupações e que o trate como sujeito. E, em tudo isso, a leitura e a escrita terão de ser protagonistas.” Como bem aponta o título do Caderno “Leitura e Produção” no livro didático em que a letra está inserida, legitimando um trabalho articulado e promovendo por um lado a escolarização e por outro a construção do sujeito nos atos de ler e produzir.

O estudo apresenta uma fundamentação teórica utilizando autoras pesquisadoras que contribuem para estudos acerca da leitura e seus desdobramentos para a escola, para o aluno e, principalmente, para a formação do sujeito na sociedade. As referidas autoras têm em suas pesquisas a leitura e a literatura como agentes formadores para a escola da vida, em um processo contínuo de construção do ser.

Diante do exposto, a letra da canção será explorada com uma leitura literária, pois entende-se que tanto o livro didático quanto a letra alimentam uma compreensão de caminhos e percepções literárias, conforme apontado pelo PNLD 2017. A leitura será permeada por um diálogo pautado no conteúdo que o livro aborda e a recepção proporcionada pelo texto.

Leitura literária da letra da canção “Inclassificáveis”

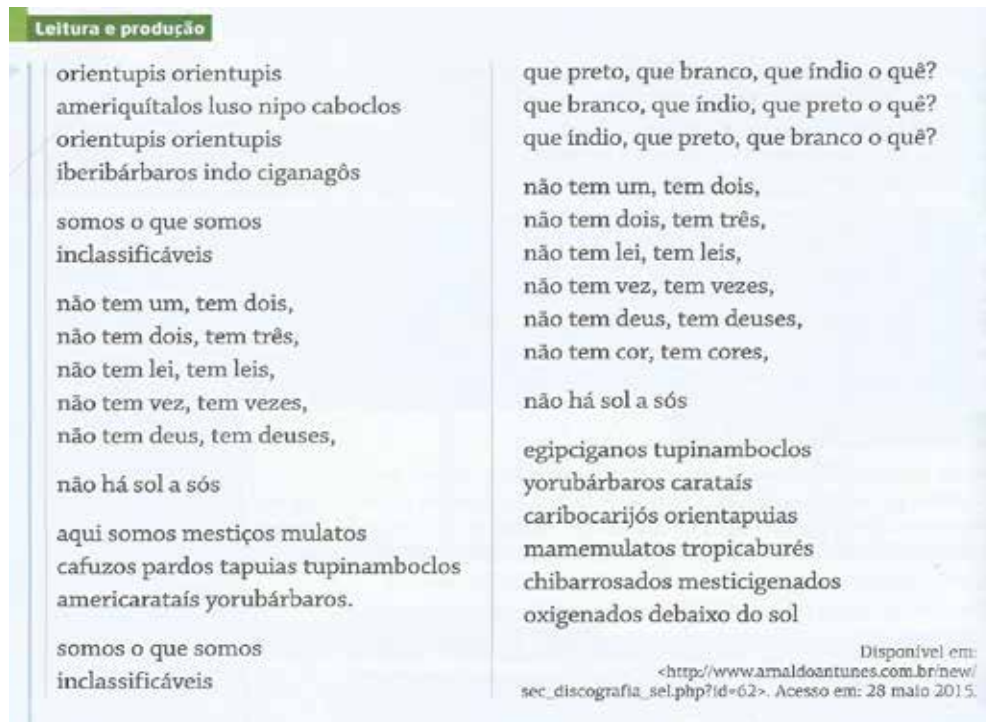
A letra da canção disposta nas páginas 61 e 62, no caderno “Leitura e produção” do livro didático segue compreendida como um gênero textual cujo objetivo é a leitura para a prática do desenvolvimento da escrita. Pelo exposto, realizou-se uma leitura mais aprofundada, detalhando cada estrofe e abordando o conteúdo do caderno, da unidade e do capítulo do livro, uma vez que é necessário contextualizar a leitura para melhor reflexão de como é tratada a letra, conforme os documentos didáticos sugerem e o livro didático propõe, prezando o caráter literário.

Figura 1. Letra da canção “Inclassificáveis”



Fonte: (FIGUEIREDO, BALTHASAR, GOULART, 2015, p. 61)

Figura 2. Continuação da letra da canção “Inclassificáveis”



Fonte: (FIGUEIREDO, BALTHASAR, GOULART, 2015, p. 62)

No título “Inclassificáveis”, o prefixo “in” remete à ideia de oposição, ratificando a negação na palavra, de que não há uma compreensão acerca de uma classificação específica. Desse modo, o título é um prefácio sobre a abordagem que a letra infere em suas estrofes, reiterando a temática introduzida no livro, de pluralidade, ou seja, justificando as diferenças existentes na sociedade.

A letra está estruturada em treze estrofes e não segue um padrão definido, uma vez que há estrofes maiores, menores ou com apenas um verso, caracterizando a ideia em criar na estrutura da letra, a leitura das diferenças percebidas desde a composição visual da letra, sendo também uma estratégia em atrair o leitor para o conteúdo.

Essa liberdade refletida na composição surgiu com o modernismo, um movimento literário que introduziu, principalmente, na poesia, nas artes plásticas, na música, uma característica de versos mais desprendidos e independentes, conforme a criação do artista, não se limitando a um padrão estético. E a letra tem essa peculiaridade em sua estrutura. Os versos dispostos de forma mais livres não seguem regras, trazendo um novo ritmo com uma imprevisibilidade contida na letra e em sua estrutura, um novo olhar literário. Assim, Goldstein expressa:

As normas métricas foram seguidas de maneira diferente em cada período literário. Ora se preferia determinado esquema rítmico. Ora se mesclavam diferentes tipos de metro. Ora surgia uma inovação. A mais marcante, historicamente, foi o verso livre modernista, que não segue nenhum tipo de esquema rítmico preestabelecido, [...] (GOLDSTEIN, 2006, p. 12)

A letra inicia com uma estrofe de três versos questionadores, cada verso apresentando três raças, “preto”, “branco” e “índio”, sendo que em cada verso as palavras estão organizadas em sequências diferenciadas, mas sempre sucedidas do pronome interrogativo “quê”. Do mesmo modo acontece na segunda estrofe, com atenção para a ausência das vírgulas entre as palavras, o que não ocorre na primeira estrofe. Considerando o exposto, caracteriza a particularidade de cada raça, e posterior junção, expressando as múltiplas características dos povos.

Na terceira, na quarta, na oitava e na décima terceira estrofes, encontram-se uma série

de palavras que denominam a junção destas três principais raças que contribuem para formação do brasileiro, percebe-se os neologismos que identificam alguns povos, o que necessita de uma pesquisa para conhecimento dos diversos povos pertencentes a esta nação. O compositor expõe um trabalho didático, quando menciona esses povos, oportunizando ao público leitor o conhecimento étnico com a finalidade de alimentar o respeito a cada sujeito independente de suas características étnicas.

Nesta perspectiva, as origens culturais do brasileiro contemplam as três etnias, conforme sustenta Pondé:

Jogando comparativamente com duas culturas, uma indígena e outra europeia, verificamos que as fronteiras culturais são instáveis e fictícias. Porém, séculos de colonização e ocidentalização nos acostumaram a opor nitidamente, brancos a africanos e índios, que são as três etnias que compõem basicamente a identidade brasileira. (PONDÉ, 2000, p. 74)

Já a quinta e a nona estrofes, constituídas por dois versos, “somos o que somos / inclassificáveis”, remete a uma certa convicção resultante da diversidade de povos que a composição menciona, logo, ratificando a inexistência de uma classificação. O verbo na terceira pessoa do plural identifica o compositor que participa desses povos e conceitua de forma simples e direta, todos “somos” pertencentes a uma classe indefinida, em virtude da miscigenação.

Na sexta estrofe, todos os versos iniciam com o advérbio de negação “não”, seguido da sequência dos três primeiros números cardinais, reportando às raças mencionadas. Há, ainda, a pluralização das palavras “lei”, “vez” e “deus”; quando reporta às “leis” inferem às normas, com direitos e deveres de todos que vivem em sociedade, bem como às sanções e às penas àqueles que não as cumprem. Entretanto, nota-se uma crítica às leis criadas para punir os preconceituosos, uma forma autoritária de estabelecer o bom convívio entre as diferenças que deveriam partir da consciência de cada um. A palavra “vezes” expressa o multiplicar, remetendo à ideia da pluralização. Enquanto que “deuses” reportam às crenças individuais e de cada cultura.

A sétima e a décima segunda estrofes, estruturada em apenas um verso, “não há sol a sós”, destaca-se por uma não singularidade, confirmando o sentido de pluralidade que sempre caminha para um dispor-se ao outro. Um olhar recíproco entre os sujeitos inseridos na sociedade, desfrutando do mesmo sol. Esboçando uma analogia, compreende-se a relação dos leitores, cada leitor com suas particularidades, recepcionando e compartilhando dos mesmos textos.

A leitura estimula o diálogo, por meio do qual se trocam resultados e confrontam-se gostos. Portanto, não se trata de uma atividade egocêntrica ou narcisista, se bem que, no começo, exercida solitariamente; depois aproxima as pessoas e coloca-se em situação de igualdade, pois todos estão capacitados a ela. (ZILBERMAN, 2008, p. 18)

Ressalta-se o verso “não tem cor, tem cores”, no qual infere as raças que originam os diversos povos oriundos dessa miscigenação que circulam em diferentes lugares, uma representatividade da identidade humana não caracterizada pela cor. Desse modo, “cores” possibilita uma melhor expressão de uma identidade múltipla presente neste país. Pondé (2000, p. 80) salienta, “O multiculturalismo, portanto, se realiza, na literatura, através da mistura de gêneros, estilos e vozes, que denotam uma pluralidade de pontos de vista e posições sociais.”

O último verso da letra da canção, “oxigenados debaixo do sol”, reflete não só a alteração na pele como também um contexto de experiências de fortalecimento dos sujeitos que sofrem uma rotina de preconceitos presenciados ao longo do dia, dos dias, das épocas...

O etnocentrismo disseminou muitos preconceitos, que se enraizaram no imaginário coletivo, tanto do colonizador quanto do colonizado, que o internalizou. Ainda hoje, é comum encontrarmos, nas aventuras ocorridas em regiões “exóticas”, os nativos (árabes, negros, esquimós, índios etc.)

retratados como traiçoeiros, que se confundem com animais selvagens. A ficção transfigura o que se observa nas “cidades civilizadas [...]” (PONDÉ, 2000, p. 74)

Cabe frisar, que a letra traz denominações de diferentes raças e povos, oportunizando a cada leitor identificar-se com o texto, um olhar que favorece a leitura quando apresenta caminhos tortuosos, dificultando a recepção, característica da literatura contemporânea. Esse reconhecimento de identidade contempla atitudes, voz e fala, mobiliza os sentidos a uma apropriação. À vista disso, pontua Rouxel (2012, p. 14): “Estabelecida a responsabilidade da leitura escolar (que se quer, ao mesmo tempo, erudita, objetiva e neutra), devemos, então, transformar a relação com o texto reintroduzindo a subjetividade na leitura, humanizando-a, retomando-lhe o sentido.”

Na leitura, percebe-se uma musicalidade que permeia o texto e quando a leitura é realizada em voz alta, este exercício possibilita identificar com maior precisão a melodia contida na letra, um elemento estético que o artista buscou construir para apreciação do leitor quando recebe o texto. O efeito poético é apreciado pela sonoridade das palavras, o ritmo e a rima contribuem para esse critério sonoro, uma especificidade expressada na oralidade.

O caráter oral para um texto é relevante, pois a audição das palavras articuladas na pronúncia tem um outro efeito quando a leitura é realizada apenas de forma silenciosa, uma vez que a literatura nasce falada e a reprodução dos sons favorece o desenvolvimento da escuta, esse cuidado alimenta outros significados no compasso da leitura. As sílabas contribuem para a presença da poeticidade no texto, como o efeito de sentido ocorrido pela anáfora formadas pelas palavras “que” e “não”, ecoando e valorizando a produção do ritmo e da melodia.

“Inclassificáveis” justifica-se, também, como protesto contra aqueles que praticam o preconceito, que não foram educados para ter respeito ao próximo, quando negam um mundo permeado pelas diferenças e que não passaram por experiências que humanizam, como a literatura.

Reflexões acerca do processo de recepção da leitura literária

Atualmente, para a escola o aluno é compreendido como um sujeito para o trabalho, não considerando a formação do sujeito pensante, humanizado e que valoriza o relacionamento no meio social. A experiência da leitura deste texto contempla um olhar que preza o respeito ao universo de diferenças, mas que compartilha dessa diversidade com uma educação plural. O conhecimento institucionalizado precisa quebrar barreiras e o acesso à leitura literária possibilita iniciar esse movimento.

Nesta perspectiva, buscou-se, na letra da canção “Inclassificáveis”, uma leitura diante da questão do multiculturalismo nela abordado, quando menciona nas entrelinhas o preconceito e suscita o respeito em um país com tanta diversidade. Diante disso, as concepções das autoras pontuadas neste trabalho contribuirão para a reflexão da leitura literária, buscando, no contexto do livro didático, o poder de fala pela escrita que a obra sugere.

Uma problematização que se manifesta nos livros didáticos é a falta de representatividade das minorias, contemplada de forma inclusiva na letra da canção, quando convoca os diversos povos em um texto, trabalhando a leitura e a escrita numa verdadeira mobilização em proporcionar espaços para tal discussão com ações educativas e socializando as diferenças raciais e culturais. Quando esse conhecimento é mobilizado na base, com um trabalho na educação básica, como demonstrado neste livro didático por meio da letra da canção, propicia a reflexão do leitor que está em processo de construção de identidade, de personalidade e de conhecimento.

Pelo exposto, o processo de leitura que o livro didático acolhe vai além do que é proposto, assim, é apontado:

A observação fora do campo escolar, de diários de leitura de leitores experimentados – mediadores do livro ou escritores –, mostra, ademais, que a submissão às prescrições do texto importa menos que o interesse e o proveito pessoal que o leitor pode extrair de sua leitura. (ROUXEL, 2012, p. 280)

À vista do exposto, convém apresentar o trabalho do livro didático com a leitura, conforme atividades associadas, assim, especificando algumas questões abordadas: três questões

expressando a voz do eu lírico na letra; uma questão acerca dos neologismos; duas que abordam os efeitos de sentidos; e duas questões pessoais sobre a temática.

Diante do que se observa, percebe-se, nestas questões, apontamentos que visam à leitura literária quando conduz o aluno a pensar o discurso do eu lírico no texto, essas questões subjetivas propõem o contato íntimo e acolhedor do leitor com o texto; na questão que traz os neologismos considera-se um trabalho de pesquisa para conhecimentos de palavras e significados novos; as questões que trabalham os sentidos contemplam o processo de interpretação pelo qual o leitor busca relações de percepções gerais da linguagem; e, nas questões pessoais é o momento para o aluno produzir e expor de forma crítica sua leitura por meio da escrita, que de certo modo, pode aguçar o leitor a um caminho mais desafiador, envolvente e subjetivo, podendo socializar posteriormente, para os demais.

Quando o livro didático promove a leitura para a prática de produção textual, é um exercício em resposta ao investimento revelado pela leitura, legitimando uma relação com um olhar estético, do direito e do poder de voz. Neste sentido, observa-se:

A escrita é um caminho que vai do olho para a voz, caminho que, a partir de um modo particular de olhar, sai em busca de uma voz singular capaz de dizer um texto. Ler um texto é então colocar os olhos nos rastros dessa voz. Olhar e voz: esses são os extremos que me interessam na hora de escrever. (ANDRUETTO, 2012, p. 99)

A BNCC (BRASIL, 2018, p.156) infere sobre as práticas em ampliar a diversidade de leitura: “da experimentação da arte e da literatura como expedientes que permitem (re)conhecer diferentes maneiras de ser, pensar, (re)agir, sentir e, pelo confronto com o que é diverso, desenvolver uma atitude de valorização e de respeito pela diversidade;”

Pautado nesta temática, a leitura é pensada pela autora, Annie Rouxel, como um processo fundamental para o ensino e aprendizagem, que perpassa a sala de aula na formação do leitor. É uma condição para participar e compreender a relação de si e com os demais em um espaço social povoado de contribuições proporcionadas pela recepção da leitura, neste sentido:

Para isso, convém incentivar a expressão do julgamento estético, convidando aluno a se exprimir sobre seu prazer ou desprazer em relação à leitura, evitando censurar os eventuais traços, em seu discurso, de um investimento por demais pessoal, imaginário e fantasmático. (ROUXEL, 2012, p. 281)

Do mesmo pensamento compartilha a autora Regina Zilberman, defendendo a leitura como uma necessidade, independente do contexto pelo qual o leitor socializa e transita, “[...] a necessidade da leitura tanto por parte dos letrados profissionais (professores, críticos e escritores) quanto por parte dos indivíduos não necessariamente vinculados ao campo intelectual [...]” (ZILBERMAN, 2016, p. 402).

As autoras pesquisadoras, Andruetto, Castrillón, Pondé, Rouxel, e Zilberman que fundamentaram este estudo, têm na leitura, principalmente, a literária, apropriações nutridas de experiências, permitindo-as falar de um lugar que possibilita um reconhecimento e um empoderamento acerca do que falam, com questionamentos, problematizações, críticas, reflexões, sugestões e perspectivas que permeiam a leitura. Portanto, a proposta em questão, mobilizou estes aspectos centrados na recepção do que Rouxel (2012, p. 278) conceitua como: “Mais que um lugar de expressão do sujeito leitor, a leitura é um lugar de existência”.

Diante do exposto, pontua-se relevante como o processo de recepção de leitura é capaz de nutrir o leitor de diferentes idades, profissões, em diferentes espaços, sendo na educação básica, o início de um processo que possibilita uma leitura com liberdade para acionar o imaginário e a razão, o prazer e a crítica, dialogando para o enriquecimento do ser.

Considerações finais

À vista do exposto, o presente trabalho propôs como objeto de estudo a leitura da letra da

canção “Inclassificáveis”, como gênero textual proposto pelo livro didático. A canção apresentada no caderno “Leitura e produção”, na Unidade 2 “Diversidade cultural” e no capítulo 1 “Um mundo de credos, valores e costumes...”, reporta em seu contexto a temática sobre a pluralidade retratada no livro, centrada na perspectiva da leitura e da produção textual.

Desse modo, o estudo prezou a concepção de leitura no livro didático legitimada por meio dos documentos didáticos que consideram apropriada para a formação do leitor, e sugerem trabalhar os diversos gêneros textuais, orais e escritos, uma vez que contribuem para prática de comunicação em diferentes espaços da sociedade. A letra da canção foi trabalhada com uma leitura de caráter literário, possibilitando uma interpretação aguçada em abstrair os sentidos contidos na música, ficando evidente a exploração da pluralidade cultural refletida na letra, com variadas denominações de povos oriundos da mistura de raças, um multiculturalismo contextualizado na estrutura, na letra e na musicalidade.

Após a análise, as reflexões acerca da recepção da leitura literária permitiram, por meio das concepções das autoras que fundamentaram este estudo, um entendimento das dificuldades em explorar o texto no livro didático de modo literário, com maior aprofundamento. Ressaltando que há pouco espaço para essa abordagem, mas, que é possível oportunizar ao leitor, maior liberdade ao receber o texto.

Tendo em vista todos os aspectos observados, a letra de canção cumpre o papel pelo qual o livro didático investe, a leitura como um processo de prática da escrita, uma forma pragmática de apropriação do texto e compreendida pelos documentos didáticos. Ousar diante do texto, oportuniza uma recepção de leitura que leva o leitor a um outro lugar, acolhendo o texto com todos os sentidos possíveis. Pelo exposto, depreende-se que a recepção da leitura literária em um texto no livro didático é limitada, uma vez que este escolariza a leitura. No entanto, é possível realizá-la quando o sujeito leitor, o aluno, constrói um caminho subjetivo e estético da sua leitura, formando sua identidade literária.

Referências

ANDRUETTO, María Tereza. **Por uma literatura sem adjetivos**. Tradução: Carmen Cacciocarro. São Paulo: editora Pulo do Gato, 2012.

BRASIL. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 18 out. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562p.

BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD 2017: língua portuguesa – Ensino fundamental anos finais** / Ministério da Educação – Secretária de Educação Básica SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2016. 98 p.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: editora Pulo do Gato, 2011.

FIGUEREDO, Laura; BALTHASAR, Marisa; GOULART, Shirley. **Singular & plural: leitura, produção e estudos de linguagem**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2015.

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons e ritmos**. 13ª edição, 8ª impressão. São Paulo: Editora Ática, 2005.

PONDÉ, Glória. A releitura do feminismo na literatura infantil. **Revista VIDYA** da Universidade Franciscana, v. 19, n. 33, p. 73-81, jan.-jun. 2000. Disponibilidade em: <<https://periodicos.ufrn.edu.br/index.php/VIDYA/article/view/536/526>>. Acesso em: 05 jul. 2019.

ROUXEL, Annie. Mutações epistemológicas e o ensino da literatura: o advento do sujeito leitor. Tradução de Samira Murad. **Revista Criação & crítica** da Universidade de São Paulo, n. 9, p. 13-24, nov. 2012. Disponibilidade em: <<http://www.revista.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: 05 jul. 2019.

ROUXEL, Annie. **Quais os rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor?** Tradução: Neide Luzia de Rezende e Gabriela Rodella de Oliveira. Publicado em *Le Français Aujourd'hui*, Paris, v. 2, n. 157, p. 65-73, 2007. *Cadernos de pesquisa*, v. 42, n. 145, p. 272-283, jan./abr. 2012. Disponibilidade em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v42n145/15.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2019.

ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. **Revista Via Atlântica** do Programa de Pós-Graduação de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo, n. 14, p. 11-22, 2008. Disponibilidade em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376/5448>>. Acesso em: 09 jul. 2019.

ZILBERMAN, Regina. **A Teoria da Literatura nos bancos escolares**. In: CECHINEL, André (org.). *O lugar da teoria literária*. Florianópolis: Ed. UFSC; Criciúma: Ediunesc, 2016, pp 395-416.

Recebido em 28 de outubro de 2019.
Aceito em 17 de janeiro de 2020.